

1 Introdução

A literatura é um portal capaz de possibilitar o acesso a outras realidades, e o livro é seu suporte privilegiado, capaz de tornar tangível o imaginário. Antonio Candido (2004, p. 174) chama de literatura “(...) todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade (...)” e a caracteriza como fator indispensável de humanização, capaz de confirmar o homem na sua humanidade por atuar no inconsciente.

Segundo o modelo humanista, a leitura literária, mais propriamente a experiência literária, possibilita um conhecimento único do mundo e dos homens, e resulta num conhecimento de si próprio:

(...) todo leitor é, quando lê, o leitor de si mesmo. A obra não passa de uma espécie de instrumento óptico oferecido ao leitor a fim de lhe ser possível discernir o que, sem ela, não teria certamente visto em si mesmo (PROUST, 1956, p. 153).

Assim, por esse viés, a experiência literária ultrapassa a pura compreensão do texto, pois permite a compreensão de si e do mundo. Segundo Daniel Pennac (1993, p. 19), a experiência literária possui uma virtude paradoxal ao potencializar que o leitor se abstraia da sua realidade para lhe emprestar sentido. Por meio da leitura do mundo que se revela nas páginas de um livro, são admitidas associações com o mundo que nos circunda.

Cada relação de leitura é singular, assim como cada leitor, cada livro e cada texto. São tantos os detalhes, as escolhas e interpretações necessariamente preenchidos por diferentes pessoas, no longo caminho da escrita do original à construção do objeto e sua recepção pelo leitor, que essa relação se torna uma experiência complexa, transformadora, única e irreprodutível. A experiência literária se constrói na interação entre o texto fornecido pelo autor, a intervenção dos diversos mediadores do livro e o conteúdo apropriado e transformado pela subjetividade do leitor. Pelas palavras de Roger Chartier (1999a, p. 77), cada leitor produz uma apropriação inventiva do texto no ato de leitura.

Para além do pensamento de Chartier, Goulemot (1996) coloca que a leitura é também um rito que institui um corpo que lê, onde o corpo leitor é, ao mesmo tempo, fruto de uma livre escolha e de uma imposição sociocultural:

Sujeitamo-nos a modelos, a uma tipologia dos atos de leitura, quaisquer que eles sejam, veiculados por todas as formas da iconografia pública e da instituição escolar. As relações com o livro, isto é, a possibilidade de constituir sentido, dá-se por meio dessas atitudes de leitor (GOULEMOT, 1996, p. 109).

Essa relação fisiológica, segundo Goulemot, associada à constituição particular de uma *história* e de uma *biblioteca*, definem o leitor. A *história* de cada leitor se apresenta tanto coletiva quanto pessoal, e trabalha o texto no processo de leitura, orientando a produção de sentidos dos leitores de acordo com suas vivências sociais e particulares. Já a *biblioteca* é formada pela memória de leituras anteriores e de dados culturais que emergem no ato da leitura. Na perspectiva do autor, qualquer leitura é uma leitura comparativa, não existindo uma compreensão autônoma, mas articulações em torno de uma *biblioteca* constituída (*Ibid*, p. 113-115).

A visita aos apontamentos de Candido (2004), Proust (1956), Pennac (1993), Chartier (1999a) e Goulemot (1996) serve, na presente pesquisa, para nos aproximarmos de nosso objeto de estudo: o livro de literatura, entendido como objeto propiciador de uma experiência que traz em si um potencial humanizador.

Mais do que uma definição descritiva, que o apresenta como um objeto configurado por um conjunto de cadernos impressos que servem de suporte para a inscrição de algo, enfatizamos a sua realização na experiência literária e no ato de leitura. Esse ato é capaz de propiciar movimentos e transformações nos sujeitos leitores, que dão vida ao objeto-livro e por meio dele ressignificam suas próprias vidas.

Lygia Bojunga Nunes (1988), apontando as características inerentes à literatura, descreve o livro como objeto que circunscreve os textos literários e ressalta que livro é vida, é a troca da própria vida pela vida proposta no texto. Completando o pensamento da escritora, a professora e pesquisadora Jackeline Farbiarz (2008) diz que o livro é um objeto gerado pela mão de múltiplos profissionais, que se sustenta e se projeta no futuro através de seus possíveis leitores. Em suas palavras, ele é uma vida que permitimos ou somos induzidos a permitir que participe da nossa própria vida.

Tendo passado por constante evolução em sua forma, o livro chega ao formato códice, como o conhecemos hoje, e, atualmente, corporifica-se em novas formas, já sendo o e-book, por exemplo, uma de suas possíveis concretizações. Contudo, apesar das mudanças de forma atreladas ao objeto-livro, é no códice que ainda se encontra a maior parte da produção escrita do ser humano e, especificamente, de sua produção literária. É certo também, que é com essa forma que

educadores têm prioritariamente trabalhado para transmitir o valor da leitura¹ para crianças, jovens e também adultos, reconhecendo a leitura como prática cultural.

A despeito da consolidada história do objeto-livro, a problematização da presente pesquisa situa-se na existência de um discurso recorrente, no campo da Educação no Brasil, referente ao afastamento do povo brasileiro da experiência da leitura e, em especial, da experiência da leitura literária. Mais do que isso, esse discurso dá conta de que, apesar de ser no ambiente escolar que as crianças costumam ter seus primeiros contatos com o livro, é também na escola que o afastamento da leitura se estabelece, principalmente durante a juventude.

Embora real e justificada, conforme a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil 3 ratificará a seguir, a situação de resistência frente à leitura literária sempre me causou estranhamento, pois minha relação com os livros de literatura é antiga, e minha paixão por seu conteúdo e forma também. Em minha aceção, a experiência literária sempre se configurou relacionada a um objeto repleto de conhecimento e fantasia. Já a percepção da importância desse objeto para minha formação veio com o amadurecimento, ao entendê-lo na soma conteúdo-forma, como potencializador de minha subjetividade.

Mais do que isso, ao me graduar como designer, encontrei outras formas de olhar para esse objeto, e pude, por meio dos saberes adquiridos, não apenas apreciar bons livros, mas construí-los e pensar sobre eles, sobre questões concernentes a sua autoria e leitura, sobre as ligações existentes entre conteúdo textual e conteúdo imagético, sobre as relações entre texto, ilustração e design.

A pluralidade de experiências literárias vivenciadas, ancorada na formação em Design, trouxe-me como pressuposto um olhar sobre o design de livros como mediador de leitura, cuja função consiste em intermediar a relação entre texto literário e leitor, em estabelecer uma ponte capaz do intercâmbio entre representações do real e as possibilidades instauradas pela leitura.

Apropriei-me do termo/conceito ao recuperar um documento desenvolvido no Colóquio Roger Chartier: apropriações de um pensamento no Brasil (COELHO; LACERDA; DAUSTER; SIQUEIRA, 2005), encaminhado aos Ministérios da Cultura e da Educação, no qual, embora o termo mediador de leitura não tenha sido especificamente conceituado, seus integrantes foram delimitados. No documento, agentes de produção do livro (escritores,

¹ Conceitua-se, neste trabalho, valor de leitura em oposição à expressão de uso corrente “hábito de leitura”. Leitura não é hábito, não é costume nem repetição, leitura é valor a partir do momento que é escolha e consciência, é prazer e projeto de vida (LACERDA, 2008).

editores, ilustradores, designers, tradutores etc.), agentes formadores (pesquisadores de leitura, professores, pedagogos, familiares etc.) e agentes culturais (bibliotecários, livreiros etc.), enfim, todos os envolvidos no processo que leva a ideia original do livro até o alcance do leitor, foram incluídos na categoria mediadores de leitura.

Um dos resultados do documento foi o Curso de especialização *lato sensu* Design na Leitura: multimeios, visualidades e interatividades, idealizado e coordenado por Jackeline Farbiarz e Luiz Antonio Coelho, que, nos anos 2007 e 2008, formou mediadores de leitura com ênfase no Design, visto como campo de vocação interdisciplinar.

A junção dos conhecimentos e das vivências acima citados, fortemente aliados a minha graduação em Design, me fazem partir então do pressuposto de que todas as áreas integradas à cadeia de ações que culmina no ato de leitura são mediadoras desse ato, e essa mediação tem papel fundamental na valorização da leitura, principalmente para o leitor em formação.

Relacionando o entendimento do Design, no âmbito do design de livros, à resistência à leitura, que costuma se ampliar na juventude, assumimos as seguintes questões como norteadoras da pesquisa:

- Nas políticas públicas de incentivo à leitura destinadas às escolas, como vem sendo abordado o design de livros de literatura para a juventude?
- Consequentemente, que espaços estão sendo ocupados pelo Design nos livros de literatura para jovens cancelados pelas políticas públicas nacionais com foco na formação de leitores?

Em linhas gerais, foi o referido afastamento que motivou a presente pesquisa. Intrigava-nos o fato de justamente em um momento de vida de descoberta, reconhecimento, constituição da condição de sujeito e de formação da subjetividade, a experiência literária, que tem em sua essência o caráter humanizador, ir perdendo seu espaço.

Sustentou nossa inquietação, e consolidou-se como a relevância desta dissertação, o resultado da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil 3, mencionada anteriormente. A pesquisa é realizada, desde 2001, a cada quatro anos pelo Instituto Pró-Livro e tornou-se referência no campo da Educação por ser a única pesquisa, em âmbito nacional, que tem por objetivo avaliar o comportamento do leitor brasileiro, contribuindo, dessa forma, para o acompanhamento das políticas públicas vinculadas ao livro e à leitura (FAILLA, 2012b, p. 23). A pesquisa, que está em sua terceira edição, tem caráter

quantitativo, e totaliza o número de 5.012 entrevistas pessoais domiciliares, em 315 municípios de todos os Estados do Brasil, com a população de cinco anos ou mais, alfabetizada ou não. Ela apresenta como objetivo

analisar indicadores que permitam orientar programas e projetos de inclusão cultural da população brasileira, além de identificar fatores que levem à leitura e promovam o acesso ao livro em grande escala (FAILLA, 2012a, p. 5).

Embora entendamos ser fundamental ressaltar a relatividade dos resultados apresentados pela pesquisa, podemos encontrar nesses mesmos resultados informações relevantes para a caracterização da relação do povo brasileiro com a leitura. Assim, a despeito de a pesquisa não considerar a habilidade de compreensão da leitura, a especificidade da leitura literária e a fruição experimentada pelo leitor durante o seu ato, principalmente por ser uma abordagem de cunho prático e determinista que impôs uma definição temporal restrita ao período de três meses para identificar a categoria leitor, o conjunto das informações e a metodologia de análise sustentam, a nosso ver, sua pertinência.

Partindo de uma acepção de leitor e não leitor² definida pela leitura de pelo menos um livro, inteiro ou em parte, nos últimos 3 meses (FAILLA, 2012a, p. 254), a pesquisa aponta a divisão da população brasileira em 50% de leitores e 50% de não leitores. As respostas elencadas dão conta de que dos 178 milhões de brasileiros inseridos no escopo da pesquisa, a parcela leitora identificada corresponde a 88,2 milhões de pessoas.

² Definição de leitor e não leitor atribuída pela 3ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (FAILLA, 2012a, p. 254): “Leitor é aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos 1 livro nos últimos 3 meses. Não-leitor (*sic*) é aquele que não leu, nenhum livro nos últimos 3 meses, mesmo que tenha lido nos últimos 12 meses”.

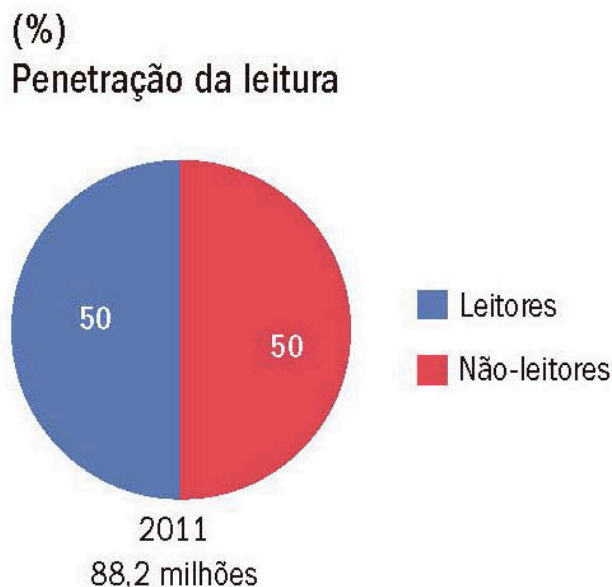


Gráfico 1 – A leitura entre os brasileiros, utilizando a base da população brasileira com 5 anos ou mais em 2011 (178 milhões) (FAILLA, 2012a, p. 257).

Mais ainda, a pesquisa ressalta que, dentre os leitores, 74% estão na categoria estudantes, número duas vezes maior do que o de leitores que estão fora do universo escolar (FAILLA, 2012b, p. 30-32). Se a princípio o resultado pode parecer bastante positivo, fato é que grande parte da leitura realizada por esses estudantes está relacionada à obrigação escolar e não à leitura por opção própria, vinculada ao desejo e ao gosto, o que corrobora a reflexão de Lajolo e Zilberman (2003, p. 219), que afirmam ser raras as leituras realizadas na escola que produzem prazer, sendo sabido que é na passagem do Ensino Fundamental para o Ensino Médio que se sedimenta uma resistência frente à leitura, e em especial frente à leitura literária.

Os dados que relacionam a porcentagem leitora por faixa etária da população indicam, desde a base, um movimento de afastamento da leitura que se concretiza com a saída da escola: 84% das crianças entre 11 e 13 anos são definidas como leitoras (mesmo que majoritariamente por obrigação), contudo apenas 71% dos jovens entre 14 e 17 são definidos como leitores (FAILLA, 2012b, p. 32). A queda de 13% no espaço de tempo que compreende os anos finais do Ensino Fundamental e o Ensino Médio vai ao encontro da problematização aqui antecipada.

Na mesma pesquisa, buscou-se estabelecer as preferências dos brasileiros leitores e não leitores (no recorte temporal de três meses que identificou a categoria leitor) quando fora do contexto escolar ou de trabalho e identificou-se que, para a população brasileira, assistir televisão, escutar música ou rádio, descansar, reunir-se com amigos ou família, assistir vídeos/ filmes em DVD e sair com os amigos têm

prioridade sobre a leitura. Enquanto 85% das pessoas preferem assistir televisão, apenas 28% preferem ler, incluindo junto aos livros a leitura de jornais, revistas e textos na Internet. Os dados demonstram também que desses 28% que leem, apenas 58% o fazem com frequência.

(%)

O que gostam de fazer em seu tempo livre

	2011	2007
Assistir televisão	↑ 85	77
Escutar música ou rádio	52	54
Descansar	51	50
Reunir com amigos ou família	↑ 44	31
Assistir vídeos/ filmes em DVD	↑ 38	29
Sair com amigos	34	33
Ler (jornais, revistas, livros, textos na Internet)*	↓ 28	36
Navegar na internet	↑ 24	18
Praticar esporte	23	24
Fazer compras	23	24
Passear em parques e praças	19	19
Acessar redes sociais (Facebook/Twitter/Orkut)	18	-
Escrever	18	21
Ir a bares/ restaurante	18	15
Jogar videogames	13	10
Viajar (campo/ praia/ cidade)	15	18
Desenhar/ pintar	10	-
Ir ao cinema /ao teatro /dança / concertos /museus /exposições	10	9
Fazer artesanato e trabalhos manuais	6	12
Média de atividades por entrevistado	5,3	4,8
* 2011: Destes, 58% leem frequentemente		

Tabela 1 – Interesses e motivações dos leitores, utilizando a base da população brasileira com 5 anos ou mais em 2007 (173 milhões) e em 2011 (178 milhões) (FAILLA, 2012a, p. 283). Marcações do original.

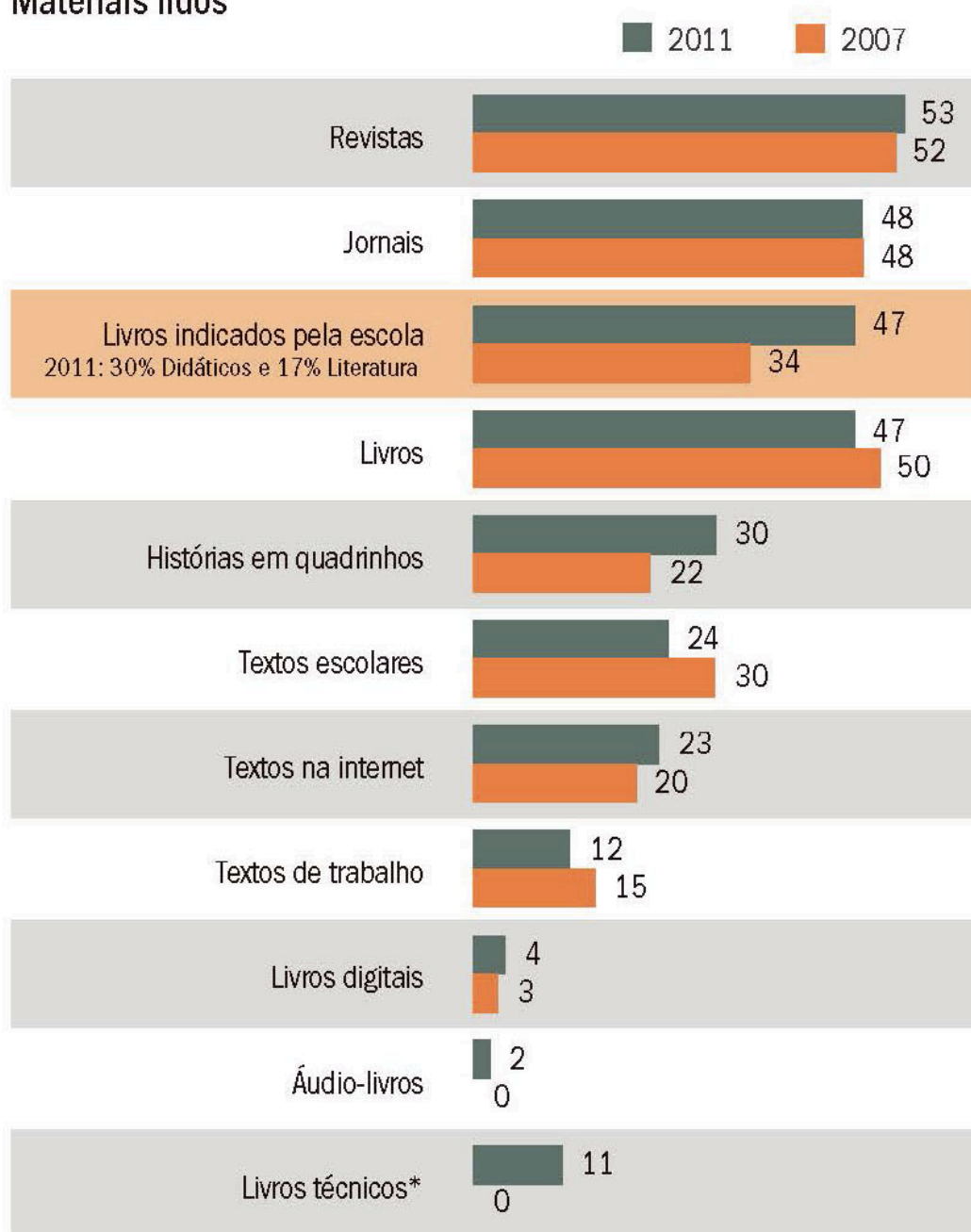
Os números apresentados parecem dialogar com o pensamento desenvolvido por Ezequiel Theodoro da Silva (2012, p. 107), a partir de conversa com Bartolomeu Campos de Queirós, de que “o povo brasileiro é muito mais imagético e auditivo do que propriamente letrado ou apegado às coisas do mundo impresso”. Bartolomeu (2009, p. 12-13) reforça a relação estabelecida entre leitura e tarefa escolar ou de trabalho ao atestar a influência da televisão enquanto meio de comunicação, com presença massiva nos espaços públicos e privados, o que faz da sociedade brasileira uma sociedade televisiva. Retomando Ezequiel Theodoro da Silva

O valor maior da leitura decorre muito mais da necessidade de busca e/ ou atualização de conhecimento do que de outras possíveis motivações (SILVA, 2012, p. 108).

Essa situação ganha contornos mais definidos no que tange especificamente ao livro de literatura, objeto desta pesquisa, quando constatamos que, mesmo dentro da categoria de leitores (50% do número total), apenas 47% identificaram livros como materiais lidos. Revistas e jornais ocuparam porcentagem superior, com respectivamente 53% e 48%, enquanto livros indicados pela escola ocuparam os mesmos 47%, com a ressalva de que destes somente 17% foram descritos como livros de literatura.

(%)

Materiais lidos



* A opção Livros técnicos foi estimulada apenas em 2011

Média de materiais citados por entrevistado	
2011	3,01
2007	2,74

Gráfico 2 – Preferências dos leitores quanto aos materiais lidos, utilizando a base de leitores em 2007 (95,6 milhões) e em 2011 (88,2 milhões) (FAILLA, 2012a, p. 289).

O detalhamento da pesquisa apresenta também números resultantes da delimitação por gêneros. Assim, dentre os livros lidos, 66% corresponde a livros didáticos, 56% a livros técnicos, 65% exclusivamente à Bíblia e 57% a livros religiosos em geral. Especificamente no que concerne aos livros de literatura (17%), os gêneros mais lidos foram identificados como os livros infantis (55%), livros juvenis (50%), histórias em quadrinhos (46%) e contos (41%).

(%)

Gêneros lidos frequentemente

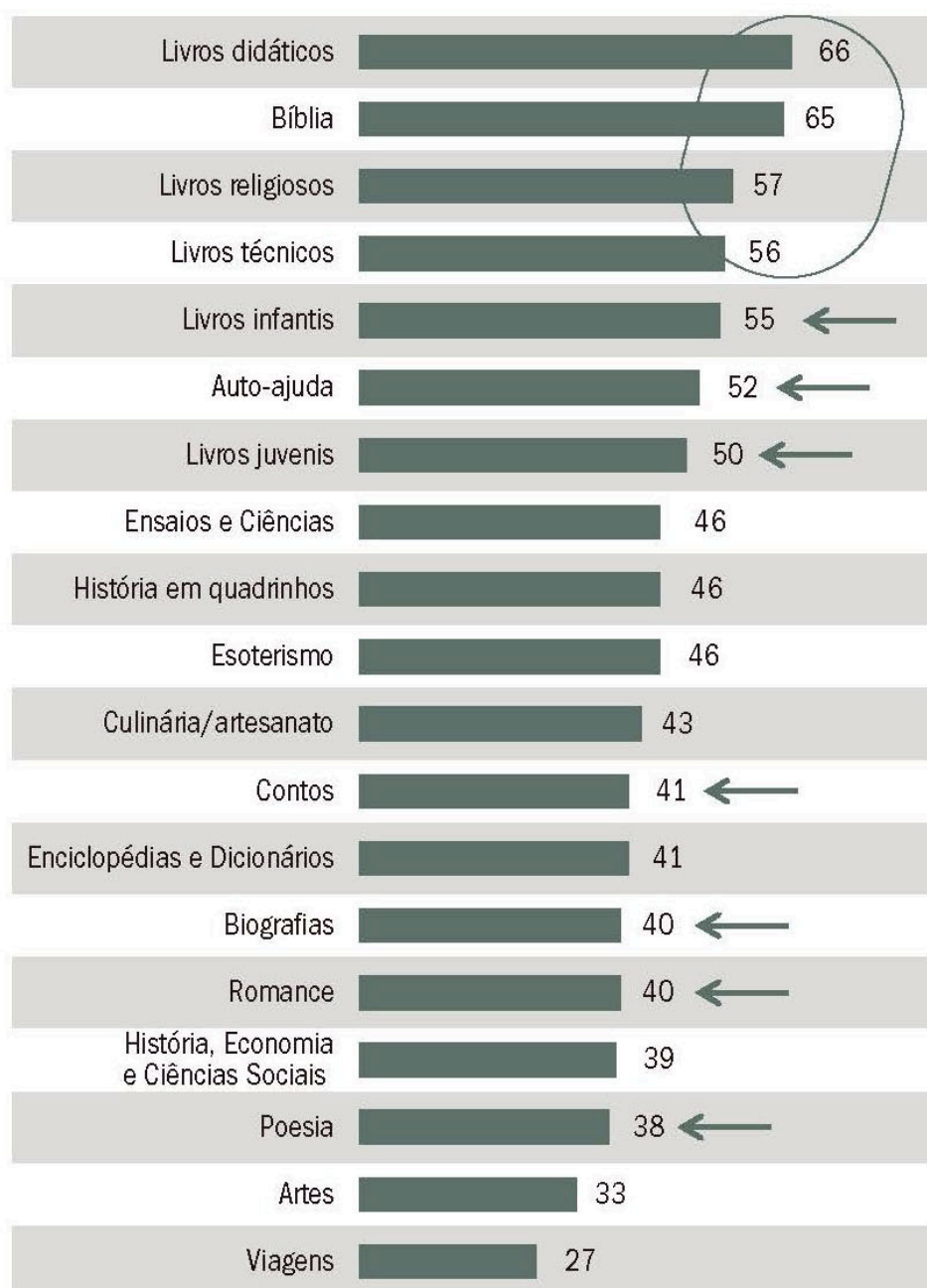


Gráfico 3 – Preferências dos leitores quanto aos gêneros lidos, utilizando a base de leitores que costuma ler cada gênero (FAILLA, 2012a, p. 290). Marcações do original.

Essa constatação reforça os dados anteriormente apresentados de que a grande maioria dos leitores são crianças e jovens em formação escolar, em grande contato com os livros didáticos e com os livros indicados pelas escolas. Contudo, levanta novas questões sobre a qualidade das experiências de leitura experimentadas, quando retomamos o pensamento de Lajolo e Zilberman (2003) de que tal leitura é realizada majoritariamente por obrigação.

Correlacionando esses dados com o fato de que metade dos livros lidos nos últimos três meses por todos os entrevistados deveu-se exclusivamente à interferência ou mediação da escola (0,81 de 1,85 livros), Silva relaciona o estatuto de “estudante” com “a necessária convivência – ou pelo menos uma íntima aproximação – dos jovens com os materiais escritos visando ao cumprimento de finalidades e exigências da sua escolaridade” (SILVA, 2012, p. 108). Apesar disso, como veremos pouco mais à frente, o gosto pela leitura não se instaura como valor a ser levado para fora do ambiente escolar e para a vida.

Outro dado importante indica que 45% dos leitores que gostam de ler foram influenciados pelo professor ou pela professora, seguidos pela influência da mãe, ou responsável do sexo feminino, com 43% do total.

(%)
Quem mais influenciou os leitores a ler

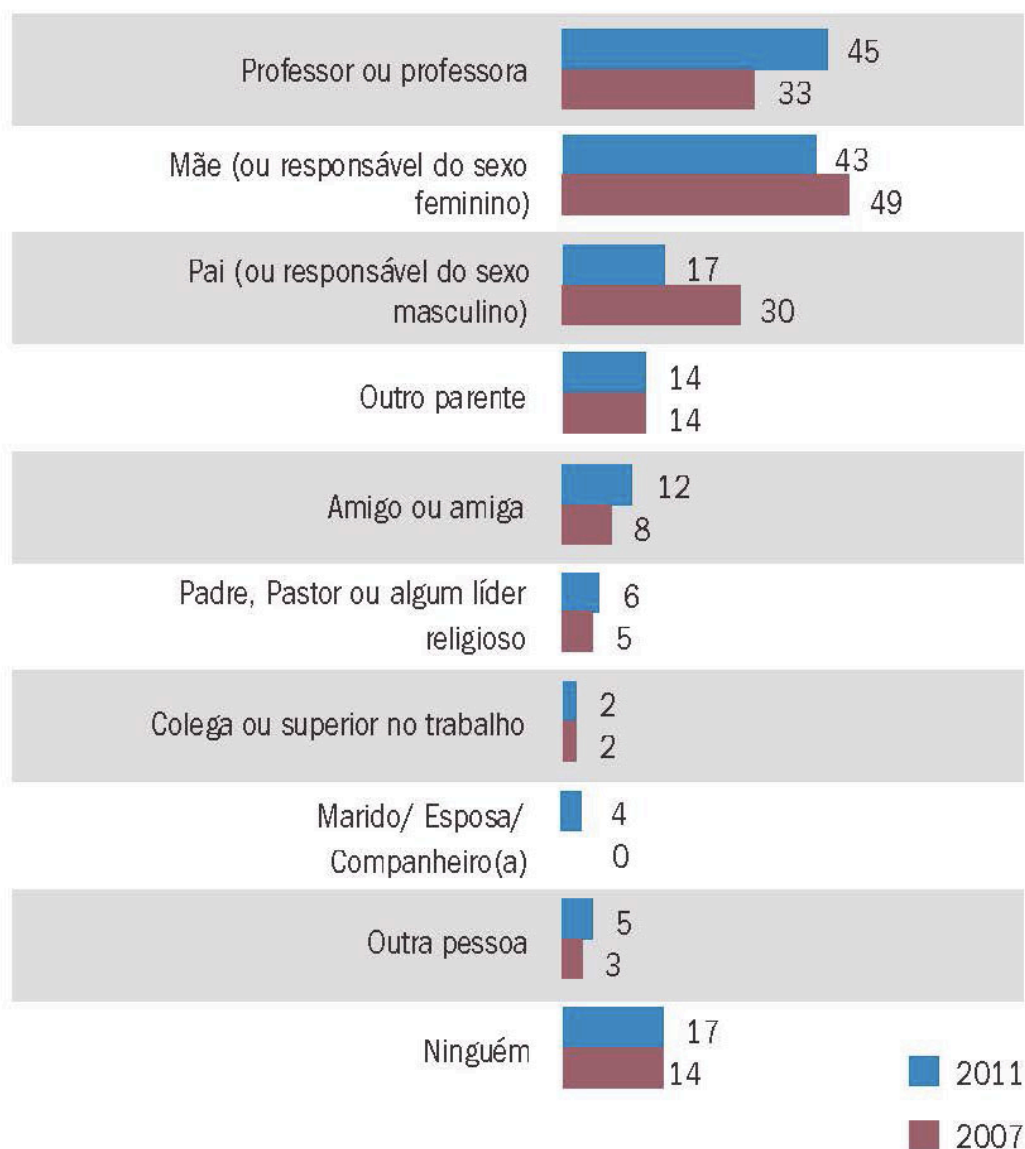


Gráfico 4 – Agentes que mais influenciaram os leitores, utilizando a base de leitores que gostam de ler em 2007 e em 2011 (77,2 milhões) (FAILLA, 2012a, p. 297).

Os dados chamam a atenção para a necessidade de se preparar os formadores para a construção do valor da leitura junto a crianças e jovens, considerando a influência que exercem sobre esses públicos. E, no caso específico desta dissertação, quando partimos do pressuposto de ser o Design um dos mediadores da leitura, orientar os formadores para entender os lugares ocupados pelo design de livros na experiência de leitura e para propor práticas a ele atreladas. Somando aos dados o caráter mais imagético e auditivo do público, constatado anteriormente, cabe perguntar, complementando as questões norteadoras: como contribuir

para a formação de mediadores conscientes dos lugares do design de livros no fomento à leitura e preparados para atender à demanda encontrada?

O acréscimo percebido no número de leitores influenciados a ler pelos professores, de 33% em 2007 para 45% em 2011, pode ser identificado como um reflexo positivo das políticas públicas que visam à melhoria das bibliotecas escolares, à formação de professores mediadores de leitura e ao fomento das práticas leitoras em sala de aula (FAILLA, 2012b, p. 43). Contudo, o alto número de entrevistados que informaram não gostar de ler porque apresentam alguma dificuldade, como ler devagar, não compreender o que lê, não ter paciência, ou ser analfabeto, mostra que 40% dos brasileiros não possuem as habilidades básicas para se tornarem leitores (*Ibid.*, p. 51) e deflagra um grande problema do sistema educacional, ainda distante de ser resolvido.

(%)

Gosto pela leitura



Gráfico 5 – Gosto dos brasileiros pela leitura, utilizando a base da população brasileira com 5 anos ou mais de 2007 (173 milhões) e de 2011 (178 milhões) (FAILLA, 2012a, p. 284).

A pesquisa mostra também que 9% dos brasileiros não sabem ler e 30% não gostam de ler. No universo de estudantes, 20% do total matriculado no Ensino Fundamental afirmam não gostar de ler, sendo que 92% destes pertencem à rede pública. O percentual aumenta conforme se caminha dos anos iniciais para os anos finais do Fundamental (SILVA, 2012, p. 112). Na faixa etária de 11 a 13 anos, 52% gostam um pouco de ler, 28% gostam muito e 21% não gostam. Já na faixa etária entre 14 e 17 anos, os estudantes que gostam um pouco de ler se mantêm em primeiro lugar, porém com percentual de 46%; os que não gostam sobem para 31% contra 23% que gostam muito de ler (GOMES, 2012, p. 130).

Os dados apresentados pela pesquisa justificam por si só as diversas ações realizadas e em realização que visam estimular uma aproximação entre o povo brasileiro e a leitura e, mais especificamente, entre o jovem e a leitura literária.

A busca pela compreensão de fatores que levam à resistência à leitura literária na juventude, prioritariamente no que tange a participação do Design nesse processo, aliada aos dados encontrados e apresentados anteriormente, levou à constatação de que o conceito de literatura juvenil é ainda um conceito em discussão. A distinção entre literatura infantil e adulta é bem marcada e identificada, seja pelo conteúdo lúdico, pela existência de ilustrações ou pelo próprio investimento gráfico diferenciado. Mas a literatura juvenil, como o próprio jovem, se encontra em um terreno duvidoso, em que, sem ser uma coisa, ainda não é outra.

Diferentemente das fronteiras e dos critérios bem definidos da literatura para crianças, os limites da literatura juvenil carecem de clareza e consenso. A identificação de um determinado destinatário que pode definir o gênero não dá conta de todas as questões que ele suscita (PRADES, 2011a).

Para a pergunta se há uma literatura infantil, juvenil e adulta, por exemplo, Ninfa Parreiras (2011), especialista em literatura para crianças e jovens, responde que o que existe é uma produção editorial. A despeito de a autora concordar com a visão humanista vigente, ressaltando que literatura é antes de tudo a possibilidade de tratar do simbólico e do humano, compactuando com o pensamento de autores como Candido (2004), Proust (1956) e Pennac (1993), anteriormente abordados, a especialista enfatiza que sua colocação no universo infantil, juvenil ou adulto é muitas vezes ambígua.

Quando somamos o pensamento de Parreiras (2011) a uma investigação preliminar exploratória acerca da produção editorial contemporânea que se autointitula juvenil, encontramos exemplos dos mais variados. Alguns mais próximos dos livros infantis, outros, em sentido oposto, mais próximos do universo adulto. Antonio Ventura (2011), editor espanhol de literatura para crianças e jovens, afirma:

Não sei se hoje é possível falar de literatura juvenil, mas não tenho dúvida de que existe uma leitura juvenil: uma forma de ler que tem a ver com esse momento – a adolescência – em que a vida aparece com um relevo novo, como se a primeira manhã do mundo se inaugurasse para cada um de nós naquele instante. Uma manhã que contém toda classe de tormentas, ainda que o protagonista ainda não saiba, não possa nomeá-las quando se vir imerso nelas (VENTURA, 2011).

A dificuldade em se falar de uma literatura juvenil talvez venha da grande influência da escola na produção para jovens. A necessidade de se atender exigências relacionadas à vida escolar faz com que o livro seja produzido para os agentes formadores, por exemplo, para professores, e para os pais; mas não para o jovem leitor, com suas formas próprias de leitura, como ressalta Ventura (2011).

Além disso, a dificuldade na sua classificação também pode vir da grande influência do mercado editorial. Atualmente, quem decide a classificação do livro é o editor, a partir de seu olhar sobre o mercado varejista e de seu entendimento acerca do que venha a ser a expectativa do governo, uma vez que a produção editorial é alimentada essencialmente pelas compras realizadas em âmbito federal, estadual e municipal para as políticas de fomento à leitura. Nesse sentido, as editoras parecem já produzir com uma expectativa, não necessariamente real, do que entendem que o governo irá comprar, não priorizando, conseqüentemente, os interesses e as formas de ler do jovem. Inicia-se assim um ciclo vicioso, pois as editoras oferecem ao governo livros pré-encomendados ou selecionados por seus editores com vistas a serem avaliados por especialistas nas políticas oficiais de fomento, e os especialistas ficam restritos a avaliar aquilo que as editoras selecionam e disponibilizam previamente. Acentuam-se, portanto, ainda mais os critérios editoriais externos à literatura juvenil propriamente dita.

O quadro pode ser ampliado quando ressaltamos que o governo brasileiro, por meio do Ministério da Educação e como parte de uma política educacional, vem promovendo uma série de ações públicas de incentivo à leitura, visando modificar o panorama da leitura em nosso país. A compra de livros por parte do governo, por exemplo, decorre de uma iniciativa que visa proporcionar melhores condições de inserção dos alunos das escolas públicas na cultura letrada.

Nesse sentido, foram várias as investidas do governo já experimentadas, e, embora os números ainda sejam desanimadores, não se pode negar que há uma modificação positiva em curso. As primeiras ações voltadas para a biblioteca escolar e para a formação de leitores, por exemplo, tiveram início na década de 1980. Atualmente, o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), criado em 1997, é o maior programa nacional de compra e distribuição de livros, e visa a formação de acervos de qualidade para as bibliotecas escolares públicas de todo o país.

Tendo realizado um longo percurso desde sua gênese, o PNBE selecionou diferentes acervos com características diversas de seleção e distribuição. Com o objetivo inicial de formar acervos literários para as bibliotecas dos estabelecimentos públicos de ensino, durante os anos de 2001 a 2004, o Programa acabou por destinar seus investimentos

para coleções pessoais recebidas por alguns estudantes. Conhecidos como Literatura em Minha Casa e Palavras da Gente, esses programas em particular visavam proporcionar o sentimento da posse de um livro, além de possibilitar a inserção, não apenas dos estudantes, mas também de sua família e conhecidos, na cultura literária. Planejados para atender alunos de 4^a e 8^a séries, atuais 5^o e 9^o anos,³

as coleções foram organizadas segundo critérios de gênero literário e com formato próprio, o que exigiu adaptações gráficas das editoras quando se tratava de obras já comercializadas, incluindo a padronização de tamanho e a ausência de cor no miolo, restringindo a cor à capa (BRASIL, 2008, p. 13).

Tal escolha, voltada a produzir livros especialmente para o programa, e com especificações técnicas que restringiam um projeto gráfico voltado para seu público-alvo, gerou muitas críticas e remodelações do PNBE. Dessa forma, em 2005, o programa voltou à função primeira de beneficiar as bibliotecas escolares, e foi aos poucos ampliando seu campo de ação, não apenas atendendo o Ensino Fundamental completo, mas também a Educação Infantil, o Ensino Médio, a Educação de Jovens e Adultos, os professores, e, em 2009, a Educação Especial.

Com formato um pouco mais estável nos últimos anos, o PNBE remodelou também seu edital de seleção dos livros, valorizando projetos mais complexos e produzindo resultados que levam às mãos de alunos de todo o país livros quase sempre idênticos aos encontrados à venda nas livrarias.

Especificamente sobre a seleção de livros para os anos iniciais do Ensino Fundamental do ano de 2005, Ludmila Andrade e Patrícia Corsino (2007) expõem reflexões, procedimentos e decisões realizadas pela equipe da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro para composição dos acervos do PNBE, possibilitando o acesso a informações a respeito do processo de seleção que não se encontram nos editais⁴ disponibilizados pelo MEC. Segundo as autoras, foi criado um instrumento de análise das obras literárias inscritas, utilizado por todo o grupo de pareceristas, formado por pesquisadores especialistas alocados em universidades, que continha quatro categorias de análise e seus respectivos desdobramentos conceituais: elaboração literária, pertinência temática,

³ Cabe ressaltar que, segundo a Avaliação Diagnóstica do PNBE, pesquisa desenvolvida em 2005, foram encontrados diferentes usos dessas coleções nas diferentes escolas brasileiras, inclusive atendendo a alunos de diferentes séries ou mesmo sendo retidas nas bibliotecas escolares sem permitir o acesso aos alunos (BRASIL, 2008).

⁴ O procedimento de seleção dos acervos do PNBE será tratado de forma mais detalhada no capítulo 3 desta dissertação.

qualidade da ilustração e adequação do projeto gráfico-editorial (ANDRADE; CORSINO, 2007, p. 80). É interessante reparar que dessas quatro categorias instauradas, duas se referem ao conteúdo textual e duas ao conteúdo imagético, dando o mesmo peso de atenção a ambas as linguagens que produzem o objeto-livro e, em princípio, corroborando o Design como um dos mediadores de leitura. Esse fato também parece já considerar os pensamentos anteriormente citados de Queirós (2009, p. 12-13) e Silva (2012, p. 107), que indicam a valorização do imagético por parte do povo brasileiro. Contudo, ainda percebe-se carência quanto à clareza nos critérios de avaliação e à percepção do potencial das contribuições do projeto gráfico, apresentando-se como demanda uma investigação mais apurada a respeito da análise realizada.

Apesar dos claros investimentos do governo, muitas críticas têm sido feitas ao PNBE por manter-se sem o devido investimento na formação continuada de professores (BRASIL, 2008, p. 14). As críticas, de modo geral, reconhecem ser necessário que os livros estejam ao alcance de toda a população de estudantes, como propõe o programa, mas nelas há a ênfase de que a simples distribuição às escolas não garante que isso aconteça. Em síntese, as avaliações dão conta de que o trabalho desenvolvido até agora é de fundamental importância, mas não atinge por si só o potencial de um programa de formação de leitores.

Muitas das críticas ancoram-se na Avaliação Diagnóstica do Programa Nacional Biblioteca da Escola, de 2005, cujo relatório evidenciou que a quantidade de obras distribuídas e o investimento realizado pelo governo contrastam com a realidade encontrada nas escolas e com o uso que vem sendo feito dos acervos:

Se antes se dizia que não se lia porque não se tinha acesso ao livro, hoje a questão parecia não se limitar apenas ao acesso, mas, também, à mudança de mentalidade entre professores, diretores e gestores, no sentido de tornar o livro literário mais uma referência no processo formativo dos sujeitos, em processos educativos. Para isso, fazia-se necessário investir na formação de professores, de coordenadores pedagógicos e de bibliotecários, responsáveis e auxiliares de biblioteca. Do contrário, o PNBE poderia estar fadado a se consolidar como política de distribuição de livros, que favoreceria, principalmente, ao mercado editorial (*Ibid*, p. 115).

Diante da realidade apresentada, a presente pesquisa assume por objetivos específicos:

- compreender os espaços ocupados pelo Design nos livros de literatura para jovens cancelados

pelas políticas públicas nacionais com foco na formação de leitores;

- levantar e colocar em diálogo com os livros selecionados pelo PNBE o referencial teórico contemporâneo sobre design de livros;
- propor recomendações, aliadas ao conceito de Design na Leitura, como critérios de avaliação de livros para o PNBE.

E, como objetivo geral:

- contribuir para a consolidação do Design como campo de vocação interdisciplinar junto a políticas públicas de fomento à leitura.

Se um país se faz com homens e livros, como nos antecipou Monteiro Lobato (1946, p.45), como se dá a eleição desses livros que devem estar presentes na formação dos cidadãos? Se, como nos antecipa Gustavo Bomfim (1999, p. 150), o Design pode se apresentar como mantenedor ou como anunciador de caminhos, como ele poderia contribuir para o fomento à leitura em nossa sociedade?

Desde o início da pesquisa, mantive o foco na literatura para crianças e jovens, não apenas por questão de preferência pessoal, mas por entender que é na infância e juventude que se constrói, preferencialmente, o valor da leitura. Elegi me dedicar ao design do livro de literatura voltado para o jovem estudante, especificamente a literatura indicada para alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, por procurar entender esse momento de transição, indicado como o momento mais significativo na opção de afastamento do ato de ler.

Para começar o processo de imersão nesse universo, estabeleci para recorte do objeto de estudo os livros selecionados pelo PNBE 2011. Meus objetivos visavam ir ao jovem e identificar, a partir de sua interação com o objeto-livro, como ele percebia seu design, e se o design influenciava a recepção dos livros de literatura pelos jovens estudantes. Contudo, durante o percurso metodológico de organizar e categorizar os livros para levá-los ao jovem, surgiram várias questões a respeito da própria conceituação do objeto e do seu projeto. Entendê-los a partir de uma perspectiva do Design e do conceito de Design na Leitura, em construção no Núcleo de Estudos do Livro da PUC-Rio⁵ (FARBIARZ, 2006), acabou se mostrando como tarefa premente para que se pudesse fundamentar o trabalho. De qualquer forma, acreditamos ser primordial que o olhar sobre

⁵ Atualmente em desenvolvimento também no grupo de estudos Design na Leitura de Sujeitos e Suportes em Interação, também da PUC-Rio.

a relação entre o Design e a recepção da leitura pelos jovens, que não pôde realizar-se no limitado espaço de pesquisa de mestrado em dois anos, receba uma continuidade de pesquisa.

Antecipamos que, durante a pesquisa bibliográfica realizada, observou-se que a literatura contemporânea sobre design de livros abrange, em sua grande maioria, aspectos técnicos da sintaxe do design gráfico, como escolha de tipografia para proporcionar legibilidade, construção de malhas gráficas (*grids*) e organização dos conteúdos textuais e imagéticos. Contudo, aspectos semânticos e simbólicos, apesar de citados, são pouco desenvolvidos. A concepção de um design voltado para a fruição literária e para a construção de significados, em um trabalho conjunto com o texto, não foi encontrada de forma explícita na produção acadêmica pesquisada, apesar de alguns objetos-livros, principalmente no universo da literatura para crianças e jovens, serem exemplos práticos dessa concepção. Tal constatação permitiu perceber a oportunidade da pesquisa e da reflexão sobre o próprio campo e sobre a teoria vinculada ao design de livros – o que constitui-se como mais um objetivo específico deste trabalho, alinhavado ao longo do processo.

Para atender então ao anunciado neste capítulo introdutório, estruturou-se a pesquisa em duas partes: primeiramente os referenciais teóricos e sua contextualização, passando, em um segundo momento, à metodologia, análise dos resultados e as considerações decorrentes.

Na primeira parte, iniciamos este primeiro capítulo, partindo dos textos de Candido (2004), Pennac (1993), Goulemot (1996), Chartier (1999a), Proust (1956) Lajolo e Zilberman (2003), para abordar o caráter humanizador da experiência literária em contraste com a resistência à leitura na juventude, ratificada pela pesquisa Retratos da Leitura no Brasil 3 (FAILLA 2012a). Apresentamos o livro de literatura como objeto de pesquisa, o recorte realizado nos livros selecionados pelo PNBE 2011 para os anos finais do Ensino Fundamental, as questões norteadoras da dissertação, assim como objetivos e percurso metodológico.

No segundo capítulo trazemos os lugares do Design na experiência da leitura literária. Sua função de mediador de leitura é analisada a partir da retomada do pensamento de Chartier (1999a e 1999b) e das visões de Hendel (2003), Gruszynski (2008) e Tschichold (2007a, 2007b) sobre o design de livros. Para a proposição do conceito de Design na Leitura, foram ainda apresentados os pensamentos de Sommerman (2008) e Fazenda (1994), a respeito da interdisciplinaridade, e de Couto e Neves (1997), que identificam o Design como atividade de vocação interdisciplinar.

Na segunda parte desta dissertação, nos dedicamos à análise realizada a partir dos acervos do PNBE 2011, sendo o

terceiro capítulo constituído pela descrição das opções metodológicas adotadas e construídas nos âmbitos do levantamento, seleção, concepção e desenvolvimento das categorias de análise, que incluem conceitos de Linden (2011), Haslam (2007) e Lupton & Phillips (2008) como norteadores da abordagem metodológica de análise desenvolvida. Ainda no terceiro capítulo apresentamos uma análise quantitativa a respeito dos acervos estudados, sendo o quarto capítulo composto por uma análise mais aprofundada e de teor qualitativo de 10 livros selecionados do acervo.

Para costurar todas as vozes e os conteúdos apresentados, o quinto capítulo propõe reflexões sobre sujeitos, políticas, objetos, Design e Literatura, com algumas recomendações no âmbito do incremento das políticas públicas no que tange à avaliação de livros de literatura, além de apresentar as considerações finais.

Dentro da tipologia organizada por Findeli (2008, 2012) e Jonas (2006, 2007, 2010), baseada nos pensamentos de Frayling (1993), e apresentada na dissertação de Tabak (TABAK, FARBIARZ, 2012, p. 30-31), a pesquisa envolvida no campo do Design pode se organizar de três formas, que em geral se entrecruzam:

- **pesquisa para o Design:** informa a prática do Design utilizando conhecimentos do próprio campo ou de outras áreas;
- **pesquisa sobre o Design:** tem como objeto de análise os elementos que fazem parte da prática do Design, podendo ser realizada pelo próprio campo ou por outros;
- **pesquisa através do Design:** é realizada a partir das formas de compreender e de agir derivadas da prática do Design.

Assim, podemos identificar a pesquisa realizada nesta dissertação como uma pesquisa para o Design, por informar as práticas relacionadas ao design de livros voltados para o público juvenil e colaborar para entendimento do Design como mediador de leitura; uma pesquisa sobre o Design, por analisar a presença do Design nos livros de literatura para jovens cancelados pelas políticas públicas nacionais, por meio da categorização organizada e da análise gráfica desenvolvida; e uma pesquisa através do Design, por buscar, a partir do entendimento do conceito de Design na Leitura, contribuir para a formação dos demais mediadores de leitura.

O caminho percorrido me proporcionou, além da alegria do contato permanente com o objeto-livro, que tanto me encanta, um grande enriquecimento conceitual sobre os lugares do Design no universo dos livros para crianças e jovens e expandiu as possibilidades de, como designer,

dialogar com subjetividades e significações possíveis, na construção de um Design na Leitura.

Em resumo:

Questões norteadoras	- Nas políticas públicas de incentivo à leitura destinadas às escolas, como vem sendo abordado o design de livros de literatura para a juventude? - Consequentemente, que espaços estão sendo ocupados pelo Design nos livros de literatura para jovens cancelados pelas políticas públicas nacionais com foco na formação de leitores? - Como contribuir para a formação de mediadores conscientes dos lugares do design de livros no fomento à leitura e preparados para atender à demanda encontrada?
Objetivos Gerais	Contribuir para a consolidação do Design, como campo de vocação interdisciplinar, junto a políticas públicas de fomento à leitura.
Objetivos Específicos	- Refletir sobre o campo do Design e sobre a teoria vinculada ao design de livros, no espectro da interdisciplinaridade; - compreender os espaços ocupados pelo Design nos livros de literatura para jovens cancelados pelas políticas públicas nacionais com foco na formação de leitores; - levantar e colocar em diálogo com os livros selecionados pelo PNBE o referencial teórico contemporâneo sobre design de livros; - propor recomendações e critérios de avaliação de livros para o PNBE com base no conceito de Design na Leitura, visando igualmente incorporar um projeto de formação continuada do magistério.
Relevância	Evidenciar o potencial do Design, enquanto atividade interdisciplinar e mediadora de leitura, na aproximação do jovem estudante da experiência da leitura literária.
Percurso Metodológico	- Pesquisa bibliográfica de referencial teórico; - pesquisa exploratória junto a escolas da rede pública; - desenvolvimento de categorias de análise e categorização para análise gráfica dos livros selecionados pelo PNBE; - análise quantitativa a respeito da categorização realizada; - seleção de livros para descrição qualitativa da categorização realizada; - análise qualitativa dos livros selecionados, correlacionada com o conceito de Design na Leitura; - proposta de recomendações e critérios para avaliação de livros para o PNBE com base no conceito de Design na Leitura, visando igualmente incorporar um projeto de formação continuada do magistério.

Tabela 2 – Síntese das questões de pesquisa.